

A COMUNIDADE LGBT NA ALEMANHA NAZISTA: A EXCLUSÃO HISTÓRICA DE UM GRUPO SOCIAL

THE LGBT COMMUNITY IN NAZI GERMANY: THE HISTORICAL EXCLUSION OF A SOCIAL GROUP

Ana Cis Melo de Souza

RESUMO

O presente ensaio trata-se sobre a comunidade LGBT na Alemanha Nazista e sua história. O objetivo geral deste ensaio é mostrar que além dos judeus há outro grupo que, por mais que em menor quantidade, sofreu brutalidades tanto quanto no Holocausto, abrindo espaço para discussão e aprendizagem sobre o tema apresentado. Para tanto, é abordado o seguinte objetivo específico: conceituar historicamente o que foi o holocausto, apresentar a história da comunidade LGBTs afetada pelo regime nazista e mostrar a exclusão de sua história mesmo após o holocausto. A metodologia que organiza a pesquisa em tela se dá a partir de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa, tendo como objetivo metodológico ser descritiva, a partir do procedimento para coleta de dados por meio do levantamento bibliográfico. Ao enfatizar a história da comunidade LGBT na Alemanha nazista, a docente traz para ao leitor uma breve reflexão.

Palavras-chave: Alemanha Nazista. Comunidade LGBTQ. Holocausto.

ABSTRACT

This essay is about the LGBT community in Nazi Germany and they history. The general objective of this essay is to show that in addition to the Jews there is another group that, no matter how much less, suffered brutalities as much as in the Holocaust, opening space for discussion and learning about the theme presented. To this end, the following specific objective is addressed: to historically conceptualize what the holocaust was, to present the history of the LGBT community affected by the Nazi regime and to show the exclusion of they history even after the holocaust. The methodology that organizes the research on screen is based on a basic research, with a qualitative approach, with the methodological objective being descriptive, based on the procedure for collecting data through the

bibliographic survey. Emphasizing the history of the LGBT community in Nazi Germany, the teacher brings a reflection to the reader.

Keywords: *nazi german, LGBT community, holocaust*

Introdução

O seguinte ensaio trata-se sobre a comunidade LGBT na Alemanha Nazista e sua história. As políticas anti-gays dos nazistas, por muito tempo não foram consideradas matérias adequadas, o suficiente, para historiadores e educadores do Holocausto. Só nas décadas de 1980 e 1970 que começou a haver alguma exploração sobre o tema. A professora estadunidense de história Dagmar Herzog cita que:

Apesar do recente aumento no número de estudos relacionados à perseguição de homens e mulheres que desejam o mesmo sexo no regime nazista, o tema permanece marginal a muito trabalho histórico sobre a era nazista, especialmente quando comparado a estudos históricos de outras categorias de vítimas (HERZOG, 2005, p.98).

Neste sentido, sendo a comunidade LGBT também uma das vítimas do holocausto, elas merecem respeito e o compartilhamento de suas histórias, para que sejam ensinadas ao lado das outras vítimas do Holocausto de Hitler. Sabe-se que o tema Segunda Guerra Mundial é ensinado nas escolas e faculdades, mas pouco se sabe sobre grupos além dos judeus que, também, passaram por tortura, flagelação e abusos, como é o caso dos homossexuais.

Ao enfatizar esses grupos, pode-se construir uma relação entre o passado e a sociedade atual, que ainda lida com variados tipos de preconceitos, sendo um deles, a LGBTfobia. Para isso, uma das possibilidades é a utilização de novos discursos do ensino sobre a Segunda Guerra Mundial e suas sequelas em diferenciados grupos, como por exemplo: a utilização de materiais além do livro didático, como vídeos, textos e documentários.

A partir do contexto apresentado, têm-se como problema de pesquisa: Como a comunidade LGBT viveu na Alemanha Nazista e porque sua história não foi contada como a das outras vítimas?

O objetivo geral deste ensaio é mostrar que além dos judeus há outro grupo que, por mais que em menor quantidade, sofreu brutalidades tanto quanto no Holocausto, abrindo espaço para discussão e aprendizagem sobre o tema apresentado.

Para tanto, é abordado o seguinte objetivo específico: conceituar historicamente o que foi o holocausto, apresentar a história da comunidade LGBTs afetada pelo regime nazista e mostrar a exclusão de sua história mesmo após o holocausto.

A metodologia que organiza a pesquisa em tela se dá a partir de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa, tendo como objetivo metodológico ser descritiva, a partir do procedimento para coleta de dados por meio do levantamento bibliográfico.

O tema torna-se relevante no âmbito acadêmico porque busca identificar diferentes partes da história e se aprofundar em lutas sociais, especificamente da comunidade LGBT e favorece o entendimento da história olhada de outros pontos de vista, além do eurocentrista, focando nas dificuldades dos outros grupos sociais que sofreram com o Holocausto. Isto posto, a pesquisa visa amenizar esta problemática utilizando documentários e declarações de quem viveu aquela época, superando a concepção baseada nos estereótipos e a história pouco contada, em meio a uma constante entrega de informações sobre o tema.

A primeira motivação para a pesquisadora deste trabalho se deu a partir de sua vivência como membro da comunidade LGBT e como aluna de história e defensora dos direitos da comunidade, assim, foi observado que ao longo dos seus anos escolares, que pouco se citava sobre essa comunidade, especificamente em história com relação ao Nazismo e a Segunda Grande Guerra.

Outro fator importante, foi o desinteresse das pessoas e dos canais educativos, referente aos LGBT's na época da Alemanha Nazista. Juntamente, com o fato de que na história, deve-se desconstruir qualquer preconceito, e qualquer olhar machista, homofóbico ou eurocentrista, abrindo espaço para discussões além de um acontecimento provocado somente pelo ódio contra judeus, mas sim por vários grupos distintos, como homossexuais, gays, negros, ciganos etc.

O presente ensaio está organizado nas seguintes seções: a história do Holocausto, a história da comunidade LGBTs afetada pelo regime nazista e, por fim, a exclusão da comunidade LGBTs da história após o holocausto.

A história do Holocausto

O holocausto foi uma das consequências do regime nazista de Adolf Hitler durante a Segunda Guerra Mundial, um genocídio contra milhões de pessoas. Segundo o Museu

Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, estimasse que cerca de 6 milhões de judeus foram assassinados no holocausto e mais 11 milhões de outros grupos como os homossexuais, negros, eslavos, ciganos, presos políticos, entre outros. (<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/introduction-to-the-holocaust>). Hitler deixava explícito seu ódio pelos judeus e sempre avisou sobre sua intenção de os expulsá-los da vida política, cultural e intelectual da Alemanha.

Assim que eu realmente estiver no poder, minha primeira e mais importante tarefa será a aniquilação dos judeus. Tão logo eu tenha o poder de fazer isso, eu terei forças construídas em fileiras – na Marienplatz em Munique, por exemplo, tantas quantas o tráfego permitir. Então os judeus serão enforcados indiscriminadamente, e eles continuarão pendurados até federem; eles ficarão pendurados lá tanto tempo quanto os princípios de higiene permitirem. Assim que eles estiverem sido desamarrados, o próximo lote será enforcado, e assim por diante da mesma maneira, até que o último judeu em Munique tenha sido exterminado. Outras cidades farão o mesmo, precisamente dessa maneira, até que toda Alemanha esteja completamente limpa de judeus (FLEMING; GERALD, 1987, p. 17).

Com seu discurso conservador, supremacista branco e vingativo, Hitler conseguiu chegar ao poder da Alemanha em 1933, instaurando o regime nazista no país, excluindo e executando qualquer pessoa ou lei que impedisse que suas ideias arianas e conservadoras obtivessem sucesso. Ele acreditava numa raça soberana e para ele “estrangeiros do Oriente, comunistas e socialistas, os judeus - todos eram culpados pela humilhação da Alemanha.” (PLANT; RICHARD, 1986, p. 23).

A proposta nazista-alemã, antes da guerra, era que esses judeus fossem deportados para fora da Europa, o nomeado Plano Schacht. Tal plano, não foi eficaz, pois países de fora da Europa não aceitaram a entrada dos judeus refugiados em seu território, sendo assim, em 1939 se iniciou um programa sistemático de extermínio étnico patrocinado pelo Estado nazista e ocorrido por todo o Terceiro Reich ou território ocupado pela Alemanha durante a guerra. Além disso, Hitler conseguiu convencer outras ex-potências coloniais, como a França, a aceitarem que os judeus fossem expulsos de suas colônias (PLANT, RICHARD, 1986).

Os campos de concentração foram criados desde o início do Terceiro Reich, inicialmente eram locais somente de encarceramento, embora ainda houvesse matança, eles não eram planejados para os extermínios dos judeus e dos outros grupos caçados pela SS, polícia responsável por caçar aos grupos não incluídos na noção nazista e posteriormente, por comandar todos os campos de concentração e campos de extermínio

durante a Segunda Guerra Mundial. Com o fracasso do Plano Schacht, os campos de concentração foram ganhando cada vez mais prisioneiros e cada vez mais eles eram construídos, segundo a Lista de Campos, da Biblioteca Virtual Judia (<https://www.jewishvirtuallibrary.org/list-of-major-nazi-concentration-camps>), estima-se que os alemães tenham construído cerca de quinze mil campos e subcampos nos países ocupados, em sua maioria no leste da Europa (PLANT, RICHARD, 1986).

A partir de 1939, esses campos foram se tornando cada vez mais lugares onde judeus e prisioneiros de guerra eram assassinados ou obrigados a trabalhar como escravos. Esses prisioneiros não eram só obrigados a fazerem trabalhos exaustivos, como também eram torturados, humilhados e submetidos a experiências médicas e científicas, logo, eles morriam por diversos fatores, do trabalho exaustivo até a violência rotineira e a fome, também eram deixados em condições de baixa higiene, o que permitia que contraíssem doenças, que também os matavam. Freddy Sobotka, um dos sobreviventes do Holocausto, cita numa entrevista para ONU:

- A gente passava fome. Você sofria humilhações. As crianças alemãs que se associaram á Juventude Hitlerista cuspiam em cima de você, um troço de maluco. É difícil acreditar que a humanidade é capaz disso, você não trata assim a um cachorro. (...) Eu esperava ainda, alguns meses depois da guerra, que iriam aparecer meu pai e meu irmão, mas depois eu tive notícia que eles foram eliminados (<https://www.youtube.com/watch?v=fCbKUry8Fdl&t=22s>).

O sofrimento dos prisioneiros começava desde o momento que chegavam no campo, sendo recebidos por guardas agressivos e cachorros, além de serem ameaçados a pauladas pelos prisioneiros que ali já habitavam. Depois disso, números de identificação eram tatuados nos prisioneiros. Dita Kraus, também sobrevivente, cita numa entrevista para DW Brasil: “Meu número era 73305, no qual eu tinha que gritar duas vezes por dia na contagem: “Zahlappell!” (...) Meu pai morreu de fome. As pessoas morriam, e a fome era tão forte, tão opressiva que não se conseguia pensar em mais nada.” (<https://www.youtube.com/watch?v=B-bv4vtl0Dk>). Mais para frente, em 1941, os nazistas passaram a usar câmaras de gás, para que pudessem exterminar em maior quantidade os judeus e prisioneiros de guerra, os colocando dentro das câmaras com a mentira de que tomariam banho, então o matando. David Levin, sobrevivente de Auschwitz conta: “Todo mundo pensava que ia tomar banho, tirava a roupa, todos entravam nus na câmara de gás e nunca mais saíam de lá.” (<https://www.youtube.com/watch?v=B-bv4vtl0Dk>). Após a derrota da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial, as forças aliadas começaram a

invadir seus territórios, assim, libertando os prisioneiros dos campos de concentração à medida que conquistassem esses territórios. A libertação só chegou a acontecer em 1945, após treze anos de perseguição, tortura e extermínio, os judeus e perseguidos de guerra puderam finalmente serem libertos do regime nazista, mas tal acontecimento, não os libertou das memórias que os assombram até hoje (HEGER, HAIZ, 1994).

Hitler, o principal responsável pelo Holocausto e genocídios de quase 20 milhões de pessoas, morreu antes que as tropas das forças aliadas chegassem até si, não se sabe com certeza como, mas há indícios de que tenha sido por suicídio. Já outras dezenas de oficiais, médicos e apoiadores nazistas, foram julgados no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, acusados de guerra contra humanidade, incluídas ações referentes ao Holocausto, suas penas foram desde absolvições e prisão temporária, até prisão perpétua e condenações à morte (HEGER, HAIZ, 1994).

Agora, anos depois de um dos maiores genocídios da história humana, as marcas e cicatrizes ainda são carregados nos corpos sobreviventes, memórias que os assombram como pesadelos. Dita Kraus ainda se pergunta “Por quê? Por quê? É inconcebível, incompreensível e ilógico, completamente.” (<https://www.youtube.com/watch?v=B-bv4vtl0Dk>). Infelizmente, nunca irá se saber ao certo os motivos que levaram a tamanha brutalidade, a não ser o ódio e o preconceito, que moveram um homem e uma grande parte da população mundial, a assassinar milhões de pessoas, em troca de uma raça soberana.

A história da comunidade LGBTs afetada pelo regime nazista

A comunidade LGBT, não passou somente por tempos sombrios, antes de Hitler, no início do século XX, Berlim era conhecida como a capital gay do mundo. Mesmo durante a Grande Guerra, a cultura queer sobreviveu, prevalecendo por muitos anos. Em 1918, o primeiro filme gay, diferente de outros, foi feito na Alemanha e produzido para educar o público sobre a homossexualidade, escrito pelo Dr. Magnus Hirschfeld, um médico e sexólogo alemão, fundador do Comitê Científico-Humanitário e considerado pioneiro na defesa pelos direitos homossexuais e “esse movimento, que começou em torno na virada do século, atingiria seu pico no início de 1920, sob a notável liderança do Dr Magnus Hirschfeld” (PLANT, RICHARD, 1986, p.22). Enquanto na Inglaterra os homossexuais ainda passavam por meios de tratamentos torturantes, como lobotomia, em Berlim não era tão estranho ver dois homens de mãos dadas ou até mesmo, beijando. Além disso, ouve um

projeto de lei que foi discutido em 1919, onde ser homossexual passaria ser legal na Alemanha, e por um curto período a comunidade LGBT, achou que havia encontrado sua paz (SOMERTON, JAMES, 2021).

Então o partido nazista veio, e as perseguições a homossexuais se iniciaram na Alemanha, começando por uma lei, chamada de “Parágrafo 175”, que dizia “Um homem que cometa ato sexual com outro homem ou permita ele mesmo ser usado por outro homem para sexo, deve ser punido com prisão.”. Em 1929, houve protestos e pedidos de anulação dessa lei, porém a resposta do partido nazista foi clara e incisiva.

Não é necessário que eu ou você viva, mas é necessário que o povo alemão viva. E só poderá viver se puder lutar, pela vida significa lutar. E só poderá lutar se manter a masculinidade. Só poderá manter a masculinidade se exercerem disciplina, especialmente em maneiras de amar. Amor livre e desvio são indisciplinados. Então nós os rejeitamos, assim como rejeitamos qualquer coisa que machuque nossa nação e quem pensa em amor homossexual é nosso inimigo. Nós rejeitamos qualquer coisa e tire a masculinidade do nosso povo e faz com que seja brinquedo dos inimigos, nós sabemos que vida é luta, e é loucura pensar que um homem nunca vai abraçar a fertilidade. A história natural nos ensina o oposto, devemos fazer certo (<https://www.youtube.com/watch?v=5OxH1rqBAgw&t=1s>).

O “Parágrafo 175”, punia com dez anos de prisão homens que violentassem sexualmente outro homem, coagisse outro homem ao sexo, praticasse sexo com qualquer homem menor de vinte e um anos ou fizesse sexo com outro homem. Sendo assim, qualquer atitude ou vivência homossexual era considerada crime, com isso a perseguição já começara, antes mesmo de Adolf Hitler chegar ao poder. Mas então, em 1933, Hitler consegue 37% no parlamento, podendo assim formar seu governo, sendo aceito eventualmente como líder e sendo eleito chanceler da Alemanha. A partir de então a perseguição a qualquer um que manchasse ou ameaçasse a existência de uma raça ariana, sendo um deles os homossexuais, com o critério de que se homens não reproduzissem, eventualmente a raça “pura”, iria se extinguir. Os próprios homens de Hitler também estavam dentro dessa lei, nem eles escapavam da homofobia e a perseguição. Um de seus maiores generais, Ernst Rohm, foi morto ao ser pego tendo relações com outro homem. “A homossexualidade de Ernst Rohm foi usada como propaganda anticomunista como exemplo de “verdadeira natureza” do Terceiro Reich” (HEGER, HAIZ, 1994).

Em 1936, o combate ao aborto e a homossexualidade foi estabelecida na sede Gestapo de Berlim. As sentenças não eram só feitas a partir da alegação de um ato criminal, mas também de uma suposição de um ato, no caso dos homossexuais, o crime não

precisava ser cometido para haver punição, qualquer interação era o suficiente para a corte, e uma troca de olhar entre dois homens era o suficiente para seguir com a prisão, com isso, as mulheres também passaram a ser proibidas de se relacionarem entre si também. Em 1938, foi acrescentado ao Parágrafo 175: “um homem que for acusado de nojentas indecências com outros homens, deve ser transferido para campos de concentração, sem julgamento” (PLANT, RICHARD, 1986).

Os homossexuais homens, eram o foco de polícia nazista, ainda que duas mulheres também fossem proibidas de se relacionarem entre si, elas eram consideradas “antissociais”, que na época eram pessoas que não conseguiam viver de acordo com a sociedade, elas também eram levadas para os campos de concentração, mas recebiam o triângulo preto, diferente dos homossexuais, que recebiam o rosa. “As vidas das lésbicas foram moldadas mais pela marginalização das mulheres em geral pelo regime, e seu desprezo pela sexualidade feminina, do que a homofobia.” (HEGER, HAIZ, 1994, p.12). Com o forte preconceito de gênero da sociedade nazista, a perseguição de homens gays, se tornou o foco das políticas anti-gays nazistas, além disso, pessoas transsexuais eram consideradas homens gays ou mulheres lésbicas.

De acordo com os poucos testemunhos que nos procurou, muitas lésbicas se casaram, muitas vezes com amigos gays, para proteger a si mesmos e seus amigos gays. Ao longo dos anos trinta e início dos anos quarenta, funcionários nazistas debateram os méritos de incluir lesbianismo no parágrafo 175. No entanto, três argumentos foram apresentados para vetar esse passo. Primeiro, o lesbianismo foi visto por muitos oficiais nazistas como essencialmente estranho à natureza da mulher "ariana". Segundo eles, uma vez que as mulheres eram largamente excluídas de posições de poder, parecia não haver perigo real de uma "conspiração lésbica" dentro de alta círculos Nazistas. (Havia preocupações de que os homens homossexuais poderiam embarcar em tal conspiração.) O terceiro e mais cínico argumento também foi o mais influente: lésbicas "arianas" poderiam ser usadas como criadores, independentemente de seus próprios sentimentos, e reprodução foi o objetivo mais urgente da política da população nazista (HEGER, HAIZ, 1994, p.11).

Hitler foi um dos homens mais perversos em sua época de liderança quando se coloca a perseguição como assunto, inclusive a perseguição dos judeus. Porém, em relação a perseguição dos homossexuais, havia um homem que estava mais disposto ainda a exterminar e torturar essas pessoas, seu nome era Heinrich Himmler. Sendo o segundo homem mais poderoso do Terceiro Reich, ele teve a oportunidade, assim como Hitler, de realizar suas obsessões mais profundas e assim colecionando mortes perversas e torturas. As pessoas judias não eram seu único alvo, ele voltou um olhar mais exclusivo para a

comunidade gay e se não estivesse sido tão pressionado em perseguir os judeus, ele teria se concentrado mais ainda na execução de homossexuais. Ele dizia em seu discurso chamado “Questão da Homossexualidade”:

Homossexuais corrompem outros homens, fazem eles incapazes de produzir crianças, se esse vício continuar, será o fim da Alemanha.”, e ele continua “Os antepassados da Alemanha sabiam o que fazer com homossexuais: Os afogavam no pântano. Não, isso não deveria ser chamado de punição. Foi uma exterminação de uma existência anormal. Como urtigas ardentes vamos arrancá-los, jogá-los de um monte e os queimar. Caso o contrário, se continuarmos a ter esse vício predominante na Alemanha, sem ter como lutar contra isso, veremos o fim da Alemanha, o fim de um mundo alemão (<https://www.youtube.com/watch?v=5OxH1rqBAgw&t=1s>).

Depois de serem pegos e mantido como prisioneiros, os homossexuais eram forçados a assinar uma confissão onde se afirmava que haviam infligido o Parágrafo 175, e assim eram levados a campos de concentração. No início, “os uniformes deles algumas vezes eram marcados com a letra A (palavra alemã “ass-fucker), essa marca foi substituída pelo triângulo rosa. Graças a Himmler, os campos apresentavam um tipo de colônia penal, onde a ordem era que a partir de qualquer ação de resistência vinda dos prisioneiros, eles seriam rapidamente silenciados, sendo com maus-tratos ou morte. Eles eram recebidos com mais uma experiência traumática, eram espancados, chutados, esbofeteados, eles e os judeus não só receberam as piores surras, como também tiveram seus pelos tosados, desde os pubianos até os da cabeça (PLANT, RICHARD, 1986).

[...] “Quando meu nome foi chamado, eu dei um passo à frente, dei meu nome e mencionei o parágrafo 175. Com as palavras 'Seu bicha nojento, chega para lá, seu idiota, ' recebi vários chutes ... depois fui transferido para um sargento da SS encarregado do meu bloco. A primeira coisa que recebi dele foi um golpe violento no rosto que me jogou no chão ... ele trouxe os joelhos com força na minha virilha, de modo que eu me dobrei de dor ... ele sorriu para mim e disse: 'Essa foi a sua taxa de entrada, seu porco nojento.’ Outra testemunha sobre sua recepção no acampamento Natzweiler: "Posso jurar que por causa do meu triângulo rosa, fui separado dos outros reclusos. Um sargento da SS junto com um Kapo me maltratou da maneira mais brutal ... três vezes seus punhos bateram em meu rosto, principalmente em meu nariz, de modo que caí três vezes no chão; quando consegui me levantar de novo, eles continuaram me espancando e me batendo ... eu então cambaleei de volta para o meu quartel, coberto de sangue” (PLANT, RICHARD, 1986, p. 163)

Havia um comandante em cada campo de concentração, no campo de Dachau, esse comandante era Rudolf Hoess, que explicou em suas memórias que ele ordenava o

isolamento de homossexuais para ser mais fácil de controlá-los, além de que foi ele que desenvolveu a teoria da “Salvação pelo trabalho”. O objetivo dessa teoria, era fazer que os homossexuais trabalhassem a ponto de quase desmaiarem de exaustão, esperando que isso os endireitasse. Tal forma de manter os homossexuais estritamente controlados, não foi só usado no campo de Dachau, mas em vários outros que continham prisioneiros homossexuais. Eles tiveram de construir seus próprios primeiros campos era um trabalho forçado, porém necessário, se eles quisessem a oportunidade de poder sobreviver ao frio e a chuva. Tal exaustão nos trabalhos, não chegavam nem perto do que era as torturas destinadas para punir os detidos, de forma que os obrigavam a construir um muro a tarde e o derrubar a noite, para que construíssem de novo. (PLANT, RICHARD, 1986)

Sobre Flossenbiurg, um sobrevivente escreveu: "Nosso bloco era ocupado por homossexuais, com cerca de 250 homens em cada ala. Só podíamos dormir de camisola e tínhamos que manter as mãos fora dos cobertores." Isso era para evitar que se masturbassem. "As janelas tinham várias camadas de gelo sobre elas. Qualquer pessoa encontrada na cama com suas roupas de baixo ou com as mãos sob os cobertores - havia várias verificações todas as noites - era levada para fora e vários baldes de água derramados sobre ele antes de ser deixados de pé no frio por uma boa hora. Apenas algumas pessoas sobreviveram ao tratamento. O menor resultado foi bronquite, e era raro que qualquer homossexual levado para a enfermaria saísse vivo." (PLANT, RICHARD, 1986, p.164).

Assim como Himmler, Hoess também acreditava na homossexualidade como doença, que poderia se espalhar para outros presidiários, e assim, para manter os guardas longe do “perigo”, instalou bordéis fora dos campos, para que eles se satisfizessem com prostitutas. Todo pensamento sobre os homossexuais, é a de que eles eram criaturas totalmente sexuais e que seduziriam os homens héteros, e não só a polícia e os governantes pensavam assim, como também os outros prisioneiros. Afinal eram exatamente por isso que os homens com triângulo rosas em suas roupas eram presos, era o desejo sexual que os distinguia dos outros homens presidiários. Desse modo, a homofobia vinda de todos os lugares, fez com que os prisioneiros homossexuais não conseguissem apoio de nenhum lado, nem mesmo quando era para melhorar condições dos quartéis em que viviam. Qualquer ajuda oferecida por eles, eram sempre vistas como uma forma de mascarar um motivo sexual (PLANT, RICHARD, 1986).

Além da maior carga de trabalho e tortura, os homossexuais enfrentavam outro problema, eles eram violentados sexualmente, pelos próprios guardas militares nazistas, que reduziam seu trabalho em troca de favores sexuais, mas quando pegos, esses guardas eram liberados e os presidiários sofriam a punição em seu lugar, apesar de eles terem sido as vítimas dos abusos. Esses garotos eram geralmente adolescentes poloneses ou russos, eram chamados de “meninos bonecos”.

Eles também competiam ocasionalmente com Kapos por esses adolescentes. Eles até tiraram a sorte para determinar quem deveria ir a quem. Naturalmente, os outros internos enfureciam-se ao ver esses jovens receberem rações extras de comida e serem dispensados de tarefas difíceis em troca de favores sexuais. Havia também alguns guardas SS que tinham um prazer especial em ocasionalmente se masturbar enquanto torturavam prisioneiros. Por tais atos, os reclusos gays eram, por assim dizer, responsabilizados pelos reclusos não-gays: os guardas homossexuais, embora hostis, eram vistos pelos reclusos não-gays como pertencentes à subclasse homossexual. Assim, os prisioneiros homossexuais muitas vezes eram maculados pelos crimes de guardas homossexuais, embora eles próprios fossem frequentemente vítimas (PLANT, RICHARD, 1986, p. 167).

Os homossexuais eram constantemente segregados nos campos e nos quartéis que eram presos, dessa forma, eram alvos mais fáceis dos guardas que tiraram proveito deles, desde extorsão a maus-tratos. Até o outono de 1938, os homossexuais eram divididos em quartéis junto com prisioneiros políticos, onde eram quase invisíveis, alguns meses depois, todos eles foram transferidos para empresas penais, que eram usadas como forma de provar a teoria da salvação pelo trabalho. Eles viraram escravos nas pedreiras, de forma que os colocaram como a casta mais baixa dos campos durante os anos, quando não eram enviados para campos de extermínio. “Se alguma coisa podia salvá-los, era entrar em relacionamentos sórdidos dentro do acampamento, mas isso tanto colocaria suas vidas em perigo quanto salvá-los. A situação deles era insolúvel e virtualmente todos morriam” (PLANT, RICHARD, 1986, p. 168).

Uma das atribuições mais temidas pelos prisioneiros homossexuais, era os experimentos médicos, que eram administrados em sua maioria pelo Dr. Carl Vaernet, cirurgião especializado em tentar reverter a homossexualidade. Eram experimentos hormonais, que eram testados em pacientes ou prisioneiros homossexuais, os usando de

cobaia, o que só trouxe mais doenças e mortes aos participantes e não tiveram nenhum valor científico. Todo experimento feito pelo Terceiro Reich, eram decodificados, os testes hormonais eram chamados de “Experimentos Médicos em Homossexuais”, não houve nenhum dossiê que comprovasse que tais experimentos vieram a ter sucesso.

A teoria de Vaernet provavelmente se baseava na premissa de que os homossexuais podiam se tornar heterossexuais por meio de tratamentos hormonais, um campo em que Vaernet se especializou. Se bem-sucedidos, tais tratamentos ajudariam os esforços intermináveis de Himmler para produzir mais descendentes, em conjunto com suas diretrizes de enviar homossexuais a bordéis para "conversão". O método de Vaernet era brutalmente simples: castrar vários homossexuais, injetar grandes doses de hormônios masculinos neles e esperar para ver se eles começariam a exibir sinais de interesse por o sexo oposto. (PLANT, RICHARD, 1986, p.178)

Não havia nem mesmo contato externo com a família, poucas estavam dispostas a apoiar filhos que eram condenados por conta do crime contra o Parágrafo 175, amigos também pouco ousariam tentar estabelecer algum contato, ainda mais quando se podia colocar em risco sua própria existência, pois o governo e a polícia poderia considerar aquilo uma inflação. Tão pouco os prisioneiros homossexuais ousavam tentar contato com os de fora, pois tinham medo de pôr em risco a segurança de quem amavam e esse medo não terminou junto com o governo nazista em 1945, a luta da comunidade LGBT por liberdade, continuaria mesmo depois da Segunda Guerra Mundial e do nazismo.

A exclusão da comunidade LGBTs da história após o holocausto

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os prisioneiros do Estado nazista foram libertados pelas forças aliadas, aqueles que sobreviveram conseguiram voltar para suas famílias, para seus filhos ou para as pessoas amadas. Geralmente, é isso que se aprende quando o assunto se refere ao fim do nazismo e da Segunda Guerra, mas não é bem assim que aconteceu. A maior parte dos prisioneiros, foram sim libertadas e puderam voltar as suas vidas, apesar de todo trauma e recordações horrendas de tudo o que passaram, mas não foi dessa forma para os prisioneiros homossexuais.

Apesar de grande parte da população detida pelo governo nazista ser libertada, os homossexuais seguiram em regime de cárcere, isso por conta de que a lei alemã do Parágrafo 175, ainda se aplicava a eles, mesmo depois do fim do governo nazista, mantida até 1969 e alterada só em 1973, vinte e oito anos após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Além disso, em vez de serem libertos, foram mandados para prisões soviéticas, no Norte, isso porque, depois que alguns juristas americanos e britânicos dos exércitos de

libertação souberam dos reclusos homossexuais, decidiram que, judicialmente, um campo não constituía uma prisão.

Portanto, se alguém tivesse sido condenado a oito anos de prisão, tivesse passado cinco deles em cadeias e três nos campos, eles teriam de terminar esses três anos de prisão após sua libertação dos campos (PLANT, RICHARD, 1986).

O professor Lotman, da Universidade de Bremen disse, “A reeducação heterossexual foi de alguma forma alcançada pelo silêncio coletivo das vítimas homossexuais. O mundo lutou pela justiça das vítimas do Holocausto de Hitler, menos para os homossexuais. Justiça pelos homens torturados e espancados nos campos, não foi uma prioridade e a maioria dos políticos não tem vergonha de dizer que quando se trata das pessoas gays, desejavam que Hitler tivesse terminado o trabalho.
(<https://www.youtube.com/watch?v=5OxH1rqBAgw&t=1s>).

Ao contrário dos judeus e outras vítimas do Holocausto, os homossexuais não tiveram direito a homenagens ou memoriais, já que os parentes dessas outras vítimas não os queriam junto aos nomes dos seus entes. Sendo assim, em algum ponto, eles foram esquecidos pela história durante muitos anos. Foi só nos anos 90, que alguns memoriais começaram a surgir, em homenagem às vítimas homossexuais do Holocausto, mas não porque foram reconhecidos como vítimas pelo governo e pelo Estado, e sim por que grupos militantes da causa LGBT, colocavam seus nomes nos campos de concentração, os reconhecendo como vítimas dessa brutalidade. (HEGER, HAIZ, 1994).

O que mais chamou atenção, foi o triângulo rosa colocado no campo de concentração Tot Geschlagen, onde estava escrito: “Espancado até a morte. Silenciado até a morte”. Mostrando que eles são só foram mortos, mas também não tiveram direito de falar sobre as atrocidades que viveram, mesmo também sendo vítimas (<https://www.youtube.com/watch?v=5OxH1rqBAgw&t=1s>).

Para os homossexuais o medo não terminou com as forças da libertação, eles viviam com medo contínuo de serem presos novamente. Alguns até hoje não são reconhecidos legalmente como vítima do regime nazista, como Friedrich-Paul Von Groszheim ou Karl Gorath. “O fato de os homossexuais, por uma série de leis, serem tratados como sub-humanos não parece particularmente ilógico ou mesmo inesperado, em retrospecto” (PLANT, RICHARD, 1986, p. 185), afinal, todo esse ódio e preconceito contra eles, já vinham de uma longa linhagem. Durante anos após a queda de Hitler, eles foram silenciados e calados, tendo seus direitos revogados, apesar de serem vítimas

tanto quanto os judeus, os presos políticos e vários outros que tiveram sua liberdade devolvida, atos esses que duram até os dias atuais.

De muitas maneiras, os espectros do Terceiro Reich ainda nos assombram - não porque alguns nazistas idosos possam estar se escondendo na América do Sul e não porque grupos de neonazistas mais jovens exigem atenção com ideologias e emblemas de suástica reciclada. Os espectros começam a ganhar vida sempre que fanáticos fundamentalistas de qualquer seita - religiosa ou secular - tomam o controle de uma nação e convocam uma guerra santa contra suas minorias mais vulneráveis e difamadas (PLANT, RICHARD, 1986, p.185).

Só em 2003, cinquenta e sete anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha aprovou o memorial para as vítimas homossexuais do Holocausto, que só foi finalizada em 2008. O oficialmente chamado Memorial Nacional das Vítimas Homossexuais do Holocausto, construído no Tear Garden, é um largo bloco de concreto que tem uma pequena janela, onde os visitantes são capazes de assistir um vídeo contendo dois homens tendo um encontro e dividindo o segredo de um beijo, no exato local onde o memorial está localizado. O monumento é uma das poucas provas e o único memorial que reconhece os homossexuais como vítimas do Holocausto. (SOMERTON, JAMES, 2021).

As vítimas homossexuais do Holocausto também merecem respeito e o compartilhamento de suas histórias, para que assim sejam ensinadas ao lado das outras vítimas do holocausto de Hitler. Continuar a ignorar e silenciar as vozes dessas pessoas, é uma forma de deixar os nazistas e qualquer pessoa que tenta contra a vida dos homossexuais, ganharem. Além disso, a violência contra a comunidade LGBT continua acontecendo, e assim como antes, não há ninguém para defendê-los. Os países de políticos liberais, podem se sentir mal e ofendidos pelo que acontece a eles e até mesmo, ameaçar sanções a quem pratica tal ato, mas não fazem nada a respeito realmente, ninguém vai a guerras pelas pessoas LGBT's, eles têm de lutar por si mesmos. Ainda há 72 países onde ser LGBT ainda é crime, sendo que treze deles utilizam a pena de morte. Depois de um assassinato em massa de pessoas LGBT, ainda hoje há países nos quais preferem os ver mortos a de mãos dadas.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Este ensaio foi realizado com objetivo de abordar o esquecimento histórico da comunidade LGBT durante o regime nazista de Hitler e trazer atenção a história dessa comunidade também enquanto vítima do Holocausto.

Permeou-se durante toda a pesquisa o questionamento de como a comunidade LGBT viveu na Alemanha nazista e por quê sua história não foi contada como a das outras vítimas. Constatando-se que a luta LGBT foi sempre constante e que essas pessoas, apesar dos pequenos reconhecimentos, ainda são excluídas de grande parte do ensino de história.

Na pesquisa bibliográfica, usando de autores como Richard Plant, que foi um dos poucos autores encontrados por abrir espaço de fala a essa comunidade, assim como Haiz Hager, pode-se perceber também um questionamento sobre porque a história da comunidade LGBT, que passou por coisas inimagináveis tanto quanto qualquer outra vítima, não foi contada e demorou anos para ser reconhecida.

Dessa forma, é possível afirmar que realmente pouco se sabe sobre os tratamentos e a história dos homossexuais ou da comunidade LGBT no regime nazista, constando-se que o ensaio se torna importante em âmbito acadêmico, por destacar de forma fática os acontecimentos relacionados ao dado tema, a fim de que se tenha mais conhecimentos em torno dessas pessoas esquecidas pela história.

Por fim, cabe ressaltar que este ensaio retrata muito mais que uma indagação sobre o dado tema, também simboliza a representação da comunidade LGBT, que até os dias atuais luta por sua liberdade, esperando-se que haja mais discussão em âmbito acadêmico a cerca dessas pessoas que tanto sofreram e ainda sofre.

REFERÊNCIAS

ARK, Jim. THE NAZI PERSECUTION OF HOMOSEXUALS: GAY MEN AND EVERYDAY LIFE IN THE THIRD REICH. 2018. 101 f. Tese (Doutorado) - Curso de Master Of Arts In History, California State University, Fullerton, California, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/anaci/Downloads/Artigo%207.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

Camps List. Jewish Virtual Library. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/>. Acesso em: 25 de mar. 2021.

FLEMING, Gerald. Hitler and the final solution. 2. ed. Barkley And Los Angeles, California: Universty Of California, Ltd, 1984. 186 p.

HEGER, Heinz. The man with the pink triangle: the true, life-and-death story of homosexuals in the nazi death camps. 2. Ed. Los Angeles: Alyson Publications Inc., P.O. Box 4371, Los Angeles, California., 1994. 118 p. Tradução: David Fernbach.

HERZOG, Dagmar. Sexuality and German Facism. New York: Barghahn Books, 2005. 354 p.

NASCI várias vezes' – sobreviventes do Holocausto contam suas histórias. 2018. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCbKUry8Fdl&t=22s>. Acesso em: 21 mar. 2021.

OS HORRORES de Auschwitz. Alemanha: Dw Brasil, 2020. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B-bv4vtlODk>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PLANT, Richard. The Pink Triangles: The Nazi War Against Homosexuals. New York: Henry Holt and Company, Inc., 1986. 257